

Professora Maria da Graça Lisboa Castro Pinto. A Professora da Generosidade Exigente e da Curiosidade Inesgotável

Catarina Soares Martins
catarina.martins@be.parlamento.pt

1- Um testemunho

Tive o privilégio de ser aluna da Professora Maria da Graça Lisboa Castro Pinto no mestrado e no doutoramento e de contar com a sua orientação na dissertação de mestrado. Falhei o doutoramento por não ter tido a capacidade de agarrar a tese juntamente com outras tarefas que a vida acabou por me impor. Sei que contaria novamente com a sua orientação; a sua generosidade exigente esteve sempre lá.

Estando afastada da investigação, a minha participação nesta justíssima homenagem por ocasião da jubilação da Professora Graça Pinto é um testemunho enquanto aluna, recordando o espanto dos primeiros dias de aulas e a relação de desafio que criámos nesses 6 anos de contacto próximo.

2- “Chegar lá”

Recupero a pasta de correio eletrónico onde guardei as mensagens trocadas entre os alunos do Curso Integrado em Estudos Pós-graduados em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (CILING 2006-07) e confirmo o que guardei na memória: a Professora Graça Pinto começou por ser o nosso maior quebra-cabeças.

A cada aula éramos confrontados com um novo desafio: um artigo para ler, para interpretar, que, inicialmente, aparecia sem uma ordem que pudéssemos identificar e sem outro instrumento de abordagem além das perguntas que nos fazia. Eu, como outros, não vinha de uma licenciatura da variante ensino e nunca sequer me tinha cruzado com questões de cognição. Sim, sabíamos que aprendemos algures a falar, a ler e a escrever. Mas depois a língua ficaria ali parada, sem idade e sem condição. Agora mexia-se e parecia impossível agarrá-la.

A Professora fazia perguntas, aguentava os silêncios, provocava-nos: “Se pensar, chega lá”. E foi assim mesmo. As perguntas dirigiam o caminho e “chegámos lá”. Abriu-se um mundo.

3- Perceber o privilégio

Não há novidade na asserção que o domínio da língua é privilégio. Aprendemos desde sempre, implícita e explicitamente, que quem possui mais vocabulário, mais capacidade de interpretação e de expressão, oral e escrita, numa ou mais línguas, tem mais. Reconhecer o privilégio não é difícil. Mas perceber e atuar sobre ele foi a descoberta desses dias iniciais de mestrado com a Professora Graça Pinto.

Descobrimos que a aprendizagem na infância como a manutenção de capacidades cognitivas na velhice dependem dos instrumentos de domínio da língua que vamos tendo na nossa vida (ou que nos vão faltando); quem tem mais instrumentos está mais preparado, tem mais alternativas quando encontra um obstáculo, mais possibilidades perante uma falha. Mais ainda: os instrumentos da língua têm muitas formas e as eruditas são uma pequena parte. Num país em que apenas uma minoria tinha acesso à educação, como Portugal até ao 25 de abril de 1974, o ativismo das associações, sindicatos e cooperativas resgatou gerações de uma vida e uma velhice silenciosas. Outros, e sobretudo outras, que nem a isso tiveram acesso, viveram em abandono.

No caminho conjunto que fomos fazendo ao longo das aulas, a nossa abordagem à linguística saltou do conforto da análise e começou interpelar à ação: Que instrumentos para a aprendizagem? Que instrumentos para a velhice? Que instrumentos para a democracia?

A exigência cresceu ao olhar para fora da sala de aula e regressou reforçada a cada uma das linhas que iríamos escrever. A linguagem deve ser compreendida, simples, precisa. O objetivo é que qualquer pessoa possa entender, possa questionar, possa usar o que escrevemos. Quando acabámos a parte letiva do mestrado já percebíamos o que nos era pedido. Sabíamos também que ficaríamos aquém e que nos cabia a responsabilidade de ir preenchendo esse hiato.

4- Ousar novas ligações

Durante as aulas de mestrado já tinha ficado claro que a Professora Graça Pinto não fazia parte apenas da Faculdade de Letras. A sua experiência, como investigadora e como docente, levou-a a trabalhar com instituições das áreas da Psicologia e da Medicina. Ligações que não são apenas formais e estão presentes na abordagem que faz a cada tema. Durante os anos seguintes, quando fazia a dissertação de mestrado e, mais tarde, quando preparava a tese de doutoramento, percebi que essas ligações não são um quadro estanque.

No mestrado propus-me fazer um trabalho de campo sobre linguagem e envelhecimento. Face à baixa escolaridade do grupo com que ia trabalhar, não era possível aplicar as estratégias dos estudos realizados noutros países e que inspiraram essa proposta. Precisávamos de mais instrumentos e eu usei, a medo, lembrar o que me estava mais próximo: o teatro. Com toda a naturalidade, a Professora Graça Pinto quis ouvir sobre o Teatro do Oprimido e experiências anteriores que nos pudessem valer.

A experiência do mestrado, e as dificuldades do trabalho de campo, tornaram inevitável que as questões da pobreza dos mais velhos em Portugal povoassem as nossas conversas. Um tema que, não tendo reflexo direto na dissertação que então elaborei sob a sua orientação, continuou presente na preparação da tese de doutoramento. Nesse momento, percebi que Professora estava a colaborar com a Rede Europeia Anti Pobreza.

Com a Professora Graça Pinto há sempre espaço para explorar novos caminhos e a liberdade de os descobrir. A esse respeito, recuperei uma das mensagens que enviou para me desafiar a uma nova ligação: “o pensamento associativo não é sempre razoável”.

5- Experimentar o futuro

Do trabalho com a Professora Graça Pinto guardo a certeza de que em tudo o que faz experimenta o futuro: as aulas não expositivas, centradas na aprendizagem da organização e da interpretação de informação; a fluidez das fronteiras entre saberes, que acrescenta e não dilui; a partilha de que todos temos enormes dúvidas perante as tarefas que abraçamos, porque o caminho se fará das respostas que procuramos e nunca de certezas que não

teremos; e também a tensão institucional permanente, de quem luta para que as instituições se permitam aprender umas com as outras.

Guardo também a experiência que marca uma aluna e orientanda em qualquer tempo: a exigência sempre presente; a disponibilidade de procurar alternativas a cada caminho que se provou impossível; a generosidade de abrir a biblioteca de sua casa; o incentivo para arriscar, para não parar, para voltar a fazer. Obrigada, Professora.